

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – IPADES**

LITERATURA BRASILEIRA E SUA INTERNACIONALIZAÇÃO

Francisco Benedito da Costa Barbosa

Sócio Fundador – IPADES

A literatura além do aspecto cultural tem cada vez mais importância econômica. Em 2016, o mercado editorial brasileiro, publicou 427.185.093 livros, com faturamento de R\$ 5,27 bilhões¹. Estes números demonstram que se trata de um segmento com função cultural e valor econômico crescente na sociedade moderna. Se a literatura se internacionaliza, ela traz maior conhecimento, sobre o país, valorizando sua cultura e propiciando maior ganho econômico.

A literatura brasileira faz parte do espectro cultural lusófono, sendo um desdobramento da literatura em língua portuguesa. Considera-se seu surgimento a partir da atividade literária incentivada pelo descobrimento do Brasil durante o século XVI. Bastante ligada, de princípio, à literatura portuguesa, foi com o tempo ganhando independência, especialmente durante o século XIX, com os movimentos romântico e realista.

A literatura nacional brasileira surge com Frei Vicente do Salvador (1564-1636) nascido na capitania da Bahia, com a obra *História do Brasil* (1627), que ficou inédita até 1888. No entanto, é no século XIX que se pode datar a existência de uma literatura brasileira, tanto quanto pode existir literatura sem língua própria. Foi nesse século que apareceram os sinais da renovação literária com o Romantismo, escola literária em que Alemanha e Inglaterra foram pioneiras, mas coube a França o papel de divulgá-la entre os brasileiros. O Romantismo no Brasil estendeu-se de 1836 a 1881.

No início do século XIX ocorreu o fato que desencadeou a emancipação política e social do Brasil: a vinda da família real. Logo após a chegada da corte de d. João VI ao Rio de Janeiro, ocorreram transformações que buscavam possibilitar a administração de Portugal daqui do Brasil. A abertura dos portos, a fundação do Banco do Brasil, a criação dos tribunais de justiça, além da permissão para livre

funcionamento de toda espécie de indústria foram algumas medidas adotadas com esse objetivo.

O incremento do cultivo do café deslocou a atividade econômica para outro eixo: a antiga metrópole cultural – Minas Gerais – cedeu lugar a São Paulo (local de produção do café) e ao Rio de Janeiro (ponto de escoamento desse produto). Esta cidade transformou-se numa nova metrópole. Com o progresso, o sentimento anticolonialista do povo brasileiro começou a se manifestar, gerando em 1822, a emancipação política.

O Romantismo inicia-se no Brasil em 1836, quando Gonçalves de Magalhães publica, na França, a *Niterói-revista brasiliense* e lança um livro de poesias intitulado *Suspiros poéticos e saudades*, considerado como a primeira obra romântica da literatura brasileira, isto em pleno período regencial, ainda sob o impacto da abdicação de d. Pedro I. Dois expoentes desse movimento foram o maranhense Gonçalves Dias (1823-1864) imortalizado com a poesia *Canção do Exílio* (1846), e o cearense José de Alencar (1829-1877) com o romance *Iracema* (1865).² Em 1881, publicam-se os dois romances que marcam cronologicamente o fim do Romantismo e o início do Realismo/Naturalismo no Brasil, com as obras *O mulato* (1881), do maranhense Aluísio Azevedo (1857-1913) e *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), do carioca Machado de Assis (1839-1898), um de seus fundadores e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras (1897).

A literatura brasileira ao retratar a exótica biodiversidade tropical e a diversidade cultural do país, começou a despertar o interesse dos europeus a partir da segunda metade do século XIX. Richard Burton, explorador e diplomata britânico que atuou como cônsul no Brasil entre 1865 e 1869, e sua mulher, Isabel Burton, foram os primeiros tradutores da literatura nacional para o inglês. Mas, a ótica dos escritores brasileiros era suas obras serem publicadas em francês, visto que, esse idioma e a França, naquela época, exerciam grande influência cultural na elite brasileira.

Isabel verteu *Iracema*, livro de José de Alencar, sob o título: *Iracema the honey-lips: A legend of Brazil*. No mesmo ano, Richard traduziu Manuel de Moraes: *Crônica do século XVII*, de João Manuel Pereira da Silva, publicado com o título *Manuel Moraes: A chronicle of the seventeenth century*.

Nesses trabalhos os tradutores deram ênfase à cultura indígena e às paisagens naturais, explorando imagens de um país diverso e exótico. Começava-se a

disseminar a literatura brasileira no mundo anglófono, em um momento no qual o Brasil pós-independência buscava constituir sua identidade cultural nacional.

Para Valéria Cristina Bezerra, especializada em teoria literária e história, e autora da tese: “Entre o nacional e o estrangeiro: José de Alencar e a constituição da literatura brasileira em cenário internacional”, defendida na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 2016, explica que a tradução de *Iracema* feita por Isabel Burton foi publicada por uma editora que se destinava às elites inglesas. Segundo a pesquisadora, “*em seus trabalhos, Alencar coadunou elementos nacionais e estrangeiros e agiu no sentido de integrar a literatura brasileira ao âmbito internacional*”.

Nos 40 anos que se seguiram aos trabalhos pioneiros do casal Burton foram feitas traduções pontuais, marcando um período de menor trânsito da literatura brasileira para outros idiomas. Segundo a pesquisadora Cimara Valim de Melo, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *campus* Canoas, as traduções para o idioma inglês só cresceram a partir de 1940, quando as editoras britânicas Macmillan e Arco Publications descobriram parte do cânone literário nacional. De acordo com Cimara: “*a escassez de traduções na primeira metade do século XX se relaciona, dentre outros aspectos de ordem nacional e global, à ausência de políticas públicas para incentivar a circulação de obras brasileiras no exterior*”.

A partir dos anos 1950 houve um crescente interesse da Europa e dos estados Unidos pelo romance latino-americano. Nesse período, universidades norte-americanas e britânicas criaram departamentos de estudos brasileiros, que motivaram o aumento das traduções. Foi nessa nova visão da literatura brasileira que Machado de Assis teve sua primeira tradução para o inglês em 1952, com a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, sob o título *Epitaph of a small winner*; em 1953 foi publicado no Reino Unido.

Já Jorge Amado, desde a primeira obra traduzida em 1945 – *Terras do sem fim*, como *The violent land* – fez sucesso com o público norte-americano e foi vertido para outros 50 idiomas nos anos que se seguiram.

A pesquisadora Cimara atribui esse interesse ao ambiente exótico retratado nas narrativas do escritor, que também permitiam ao leitor estrangeiro conhecer as dinâmicas de exclusão social da sociedade brasileira.

Na década de 1970, foram traduzidas 39 obras, e na de 1980, os títulos vertidos ao inglês chegaram a 56. Os autores mais traduzidos nessas décadas foram: Antonio Callado, Lêdo Ivo, Lygia Fagundes Telles, Moacyr Seliar e João Ubaldo Ribeiro, segundo Cimara.

No período 1990 a 2014, essa pesquisadora constata três marcos que contribuíram para a internacionalização da literatura brasileira. O primeiro é Paulo Coelho, autor que livros traduzidos para 70 idiomas, vendeu 200 milhões de livros e alcançou uma posição no mercado cultural internacional anteriormente só ocupado por Jorge Amado.

O segundo acontecimento marcante foram as traduções das obras de Clarice Lispector organizados pelo escritor e historiador norte-americano Benjamim Moser, também biógrafo da escritora que permitiram reposicionar a autora no panorama das letras mundiais. A linguista Lenita Maria Rimoli Esteves, professora da Faculdade de Filosofia Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo (FFCHL-USP), destaca que Moser promoveu uma nova imagem da autora. *“A imigrante judia que passou por uma tragédia familiar atraiu o público norte-americano e influenciou na divulgação dos livros”*, considera Lenita.

Os esforços de agentes internacionais e editoras, bem como a participação de autores em eventos e feiras literárias representam o terceiro marco para o aumento do volume de traduções dos escritores brasileiros contemporâneos, que passaram a abordar temas mais universais e menos ligados à ideia de identidade nacional, ampliando o interesse do público internacional pelas suas narrativas.

Segundo Cimara, de 2010 a 2014, 27 novas traduções foram feitas, impulsionadas em parte, pelo programa criado pela Biblioteca Nacional nos anos 1990 que oferece, entre outras iniciativas, apoio financeiro a editores estrangeiros para traduzir obras brasileiras. Ainda segundo esta pesquisadora, os e-books ajudaram a incentivar novas traduções da literatura brasileira para o inglês, pela facilidade de compra e leitura. Maria Eduarda Marques, diretora do Centro de Cooperação e Difusão da Biblioteca Nacional, diz que Clarice Lispector, seguida de Machado de Assis, é a autora mais vendida a outros idiomas por meio do programa, que já financiou a tradução de mais de 900 títulos.

As feiras de livros e encontros literários têm dado boa contribuição para a divulgação da literatura brasileira na atualidade, inclusive a nível internacional, o que contribui para o mercado editorial. Citem-se dois exemplos.

Desde 2003, Feira Literária Internacional de Paraty (Flip) oferece todos os anos na cidade de Paraty (RJ) uma experiência única, permeada pela literatura. Sempre em conexão com a cidade que a recebe, a festa é mais do que um evento, é uma manifestação cultural. Numa interlocução permanente entre as artes, propaga vivências focadas, sobretudo na diversidade. Em 2017 a Flip, ocorrida entre 26 a 30 de julho, teve como destaque a literatura dos países lusófonos. O autor homenageado foi Lima Barreto.

Na Amazônia um evento há 21 anos realizado em Belém (PA), e já consagrado, é a Feira Pan-Amazônica do Livro. É patrocinada pelo Governo do Estado, através da Secretaria de Estado de Cultura. A participação do público é crescente e impressionante. Em 2017, foi realizada no período de 26 de maio a 04 de junho. Cerca de 400 mil pessoas a visitaram, interagindo com os autores e comprando livros. É uma atividade inserida anualmente no calendário oficial da cidade, e que tem influenciado outras cidades amazônicas a seguirem o exemplo. O país homenageado deste ano foi a Poesia, e o escritor Mário Faustino.

NOTA

1 Fonte: Câmara Brasileira do Livro (CBL). Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE). Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL).

2 VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1915.